

Ensaio fotográfico



Edmison de Lima

Favela em foco no Alemão. **Pág. 11**

Bento Ribeiro



Comunidade **Pág. 3**

Trabalho e renda

Dicas de busca de empregos na internet. **Pág. 12**

Cultura

Cia Marginal estreia peça sobre prisões invisíveis e liberdade. **Pág. 15**

Espaço aberto

Uma história de vida e mais poesia! **Pág. 16**

Colunistas

Debatendo a educação que temos e a educação que queremos. **Pág. 10**

PERIGO NA BRASILEI!

O *Maré de Notícias* documenta a degradação da passarela 11 da Avenida Brasil que, com a estrutura enferrujada, representa um risco para pedestres e motoristas. Quem passa sobre o local, sente o quanto a passarela balança. “Só passo segurando no corrimão, pois tenho medo de cair na pista”, diz Ana Maria, moradora de Ramos. Leia também sobre a passarela 7 e sobre o controverso corredor de pedestres instalado sob a passarela 6 até o ponto de ônibus.

Págs. 4 e 5



Ao longo do corredor...



...e por cima dos buracos.

Elisângela Leite

E(duca!)ção

Quando participar faz diferença

Cerca de 200 participantes do II Seminário de Educação na Maré, ocorrido em 27 de março, discutiram formas de mobilizar a comunidade em torno da valorização da escola pública – que depende

não apenas do governo, mas dos professores, dos pais e alunos, dos profissionais de apoio e de toda a sociedade. A psicóloga Paula Miranda diz que o principal obstáculo é justamente a cultura



Elisângela Leite

brasileira, que não incentiva a participação. Mas há exemplos como o da professora Renata Patrício, que faz de tudo porque acredita no potencial de seus alunos; e de Valesca de Paula, uma das mães que acredita que sua voz faz a diferença.

Pág. 8 e 9

ECA!

Lixo não cai do céu. Quem coloca resíduo no lugar errado, na hora errada, e quem não recolhe no dia programado (no caso, a Comlurb) contribui para a atual situação vivenciada nas comunidades da Maré. Espalhado pelas calçadas e ruas, esse material acumula moscas, baratas, ratos e até tapurus, podendo trazer várias doenças. O posto médico Ministro Gustavo Capanema, na Vila do Pinheiro, convive até com ratazana, por conta do lixo acumulado em seu muro.

Cada um precisa fazer a sua parte.

Págs. 6 e 7

Foto: Elisângela Leite

Programe-se!



Veja a programação completa da Lona **Pág. 14**

MAIS GORDUCHO

Nº 16 - Abril / 2011

O *Maré de Notícias* ficou mesmo mais “gorducho” desde a edição passada, conforme comentários feitos pelos leitores. Com 16 páginas (antes eram 12, e nas edições de janeiro e fevereiro, 8 páginas), esperamos ter mais espaço para notícias locais. A *Maré* é um bairro robusto, maior do que muitas cidades brasileiras, e gera muitos acontecimentos.

Nesta edição, a reportagem principal trata da valorização da educação pública na *Maré*, tema do seminário que reuniu mais de 200 profissionais do setor, além de pais e alunos, no fim de março (leia nas páginas 8 e 9). Para complementar, dois artigos publicados na página 10 expõem a importância do ensino de público de qualidade.

O saneamento básico não podia ficar de fora. Desta vez, o tema é o lixo. Afinal, as reclamações dos moradores não são poucas; e deveriam gerar uma troca maior entre a população e a Comlurb para evitar o jogo de empurra que não vai resolver um problema complexo como esse. Esperamos ter dado um primeiro passo, ouvindo moradores e a companhia municipal (pág. 6). Certamente voltaremos ao tema trazendo a opinião de estudiosos no assunto.

Cultura, a partir da pág. 13, também mereceu bastante destaque nesta edição. A reportagem especial da seção apresenta o novo espetáculo da Cia Marginal, que traz reflexão sobre diferentes formas de prisão na cidade e faz, em contraponto, uma evocação da liberdade. Imperdível. Leia na pág. 15.

A todos e todas, uma boa leitura!

Vazamento de esgoto

Na edição número 7, de julho do ano passado, esta foto do Conjunto Pinheiros – com os prédios refletidos no esgoto vazado junto à ciclovia – deu o que falar entre os leitores do jornal. Publicada na capa, ela provocou muito burburinho e gargalhadas, pois muitas pessoas pensaram que a foto estava de cabeça para baixo. E agora, nove meses depois, republicamos a foto, porque finalmente o vazamento parece ter sido resolvido. A equipe do *Maré de Notícias* acompanha o problema desde julho e viu que o local estava seco na quinta-feira, dia 7 de abril. Viva! E que não volte!

Elisângela Leite



CARTA

Desabafo por uma *Maré* melhor

Vamos lutar juntos por uma comunidade melhor! É um absurdo ver os entupimentos, as ruas cheias mesmo quando não está chovendo, e também cheias de lixo, um desrespeito à população da *Maré*. É um caos. A Rua Bento Ribeiro Dantas, no Conjunto Pinheiro, há um ano está com entupimento de esgoto e ninguém faz nada. A Rua A1 e a do canal, também no Pinheiro, passam pelo mesmo problema quando chove.

Por que acabaram com o posto de saúde do Salsa e Merengue? As calçadas das ruas do Conjunto Esperança estão precisando de reformas, os brinquedos das praças

estão quebrados, não temos cursos para nossas crianças. Acorda povo! Precisamos de saneamento básico, postos médicos com melhor atendimento, áreas de lazer, mais cursos, mais escolas à noite com 1º e 2º graus e alfabetização.

Quero parabenizar o jornal pelas grandes matérias sobre nossa comunidade. A matéria sobre os postos de saúde (edição nº 8, de agosto de 2010) foi ótima! O *Maré de Notícias* vai fundo nos detalhes da nossa comunidade. Continuem assim, valorizando nossa comunidade, mostrando a verdade das nossas vidas, como vivemos etc.

Alessandra da Silva,

moradora da comunidade há 27 anos, nos últimos 3 anos no Conjunto Esperança.

Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da *Maré*

Diretoria
Eblin Joseph Farage
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz da Nóbrega Júnior
Fernanda Gomes da Silva
Patrícia Sales Vianna
Shyrlei Rosendo

Coordenadora de Comunicação
Tatiana Galvão

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio
Ação Comunitária do Brasil
Administração do Piscinão de Ramos

Associação Comunitária Roquete Pinto

Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança
Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias

Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos
Associação de Moradores do Parque *Maré*

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda
Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da *Maré* - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova *Maré*

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da *Maré*

Editora executiva e jornalista responsável
Sílvia Noronha
(Mtb - 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb - 29919/RJ)
Rosilene Miliotti
Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Fotógrafas
Elisângela Leite
Rosilene Miliotti

Ilustrador
Felipe Reis

Projeto gráfico e diagramação
Pablo Ramos

Logotipo
Monica Soffiatti

Colaboradores
Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Favela em Foco
Flávia Oliveira,
Luciana Bento

Impressão

News Technology Gráfica Editora Ltda

Tiragem
35.000

Redes de Desenvolvimento da *Maré*

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / *Maré*
CEP: 21044-242
I(21) 3104.3276
(21)3105.5531
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br
Os artigos assinados não representam a opinião do jornal.

Parceiros



Bento Ribeiro Dantas reafirma seu nome de batismo

 Hélio Euclides  Elisângela Leite

O Conjunto Habitacional Bento Ribeiro Dantas leva o mesmo nome da avenida próxima, e ocupa a área onde existiu a Praia e o Porto de Inhaúma. Erguido no ano de 1992, o projeto ganhou o Prêmio Arquiteta Adina Mera, na categoria espaço da cidade/desenho urbano. Em setembro de 1993 vieram os primeiros moradores, oriundos de uma remoção ocorrida em Varginha, comunidade próxima a Mangueiros. Em março de 1994 foi a vez de chegarem pessoas que moravam em Mangueiros e, dois meses depois, vieram outros de Caxias, Mangueira e Combatentes, em Benfica.

O conjunto, durante muito tempo, foi conhecido pelo nome pejorativo de Fogo Cruzado. “Agora não está mais na boca do povo. Nosso trabalho foi acabar com esse apelido”, afirma a presidente da Associação de Moradores, Clemilda Vicente de Carvalho. Ela enfatiza que a comunidade merece ser conhecida pelas crianças que brincam à tarde na praça, que foi reformada e agora deve passar por uma manutenção.

Clemilda gosta muito de toda a Maré, em especial de sua comunidade. “Não quero sair da Maré, tenho orgulho de falar que moro na Bento Ribeiro Dantas para colegas da Barra e da zona sul. É como se eu tivesse sido nascida e criada aqui”, diz. Esse é o mesmo pensamento de muitos moradores. Tanto que na localidade não se encontra imóveis à venda. “É um lugar familiar. Aqui é mais fácil de trabalhar, já que é pequeno e com trajeto fácil”, explica Clemilda, que já está no segundo mandato. Outro diferencial é que o documento de venda e compra dos imóveis não passa pela associação, e sim pela Companhia Estadual de Habitação (Cehab), porque os moradores possuem a titularidade, o que é raro na Maré.

Mesmo sendo um bom lugar, existem pontos que podem melhorar. Um deles é o saneamento básico, em particular o esgoto, problema sério em toda a Maré. Na construção do conjunto habitacional poderiam ter sido usados tubos de 200 milímetros, mas em vez disso, foram instaladas tubulações de 100 milímetros. Os moradores reclamam todos os dias, porque com o crescimento das famílias e as ampliações feitas, a estrutura instalada há quase 20 anos não dá conta. Outro problema é a falta de manutenção da iluminação por parte do poder público, que muitas vezes obriga a associação de moradores a fazer a troca das lâmpadas queimadas por conta própria.

O pouco comércio não chega a ser um problema para a comunidade, que acabam usando a Vila do João ou o Morro do Timbau quando precisa de farmácia ou mercado. Muitos comerciantes das redondezas já entregam em casa. “Não tenho muito do que reclamar. Alguns projetos já estão chegando aqui. O que clamo é por mais respostas da Região Administrativa; condução para o centro da cidade, que só tem até as 9; além de uma escola para jovens e adultos da 1ª a 4ª série e alfabetização”, detalha a presidente.

Atualmente a preocupação dos moradores do conjunto é com o alargamento da Linha Amarela. Muitos temem desapropriações para a conclusão da obra. Clemilda acalma a todos e diz que a previsão é de que deixem de existir uma casa que abriga cinco famílias e parte de um comércio de material de construção. Contudo, a associação luta junto à Lamsa em defesa dos dois imóveis. Para Clemilda, o pior é a construção do muro rente às casas, que afirmam ser acústico, mas que ela acredita ser para esconder o local. “A parte da Linha Amarela na altura do Shopping Nova América não tem muro, mas aqui é favela. Se fosse acústico se colocaria em Copacabana”, denuncia.

O documento de venda e compra dos imóveis não passa pela associação, e sim pela Companhia Estadual de Habitação (Cehab).



“Se (o muro) fosse acústico, se colocaria em Copacabana”

Com a falta de manutenção por parte da Prefeitura, a própria Associação de Moradores muitas vezes troca as lâmpadas queimadas das ruas da comunidade

Avenida Brasil



Depois do corredor, tem o ponto de ônibus

Prefeitura instala corredor da passarela 6 da Avenida Brasil até o novo local do ponto de ônibus, agora mais distante. Moradores reprovaram a novidade.

 Hélio Euclides  Elisângela Leite

Pela manhã o trabalhador sai de casa, e de uma hora para outra o seu tempo de caminhada para pegar o transporte aumenta em mais cinco minutos. Isso ocorreu após a mudança da parada de ônibus, na passarela 6, pista da Avenida Brasil em direção ao centro da cidade. Para quem mora na Vila do Pinheiro, perto do Parque Ecológico, o trajeto de casa até o novo ponto é de aproximadamente 30 minutos. O que chega a ser maior do que o tempo que o ônibus leva para chegar ao local de trabalho de muitas pessoas. Alguns já estão gastando mais, com utilização de mototáxi e kombi.

“Isso é uma pouca vergonha, uma falta de respeito. Os doentes têm que andar isso tudo, eu mesma tenho problema no coração. Temos o poder de protestar e aqui é necessário. Imagine isso aqui à noite, andar essa distância toda”, reclama a moradora da Vila do João, Iris do Céu.

No caminho ainda há dois locais usados para entrada e saída de veículos da Fundação Oswaldo Cruz, onde pedestres brigam com os carros, que muitas vezes não dão passagem. “É horrível, imagine um deficiente ou idoso fazendo esse trajeto”, ressalta o morador da Vila do João, Alex Pinto.

Motoristas de ônibus não entram no recuo

O *Maré de Notícias* fez o percurso e percebeu que os usuários do ponto de ônibus vão necessitar dar mais 611 passos, e torcer para o seu transporte entrar na agulha de parada. A **agulha** (uma faixa divisória na pista lateral) é outra novidade; o problema é que muitos motoristas não têm entrado ali para pegar passageiro. “Ficou péssimo. Não falaram nada e agora o quanto temos que andar, um desgaste, vim do Salsa e Merengue até aqui”, critica Rosângela Lima.

Para piorar, o longo corredor vai diminuindo a largura, chegando ao patamar de 1 metro e 13 centímetros entre a grade e o muro de contenção. Esse espaço é contabilizado se o pedestre optar em pisar no ralo de água pluvial, o que muitos temem, com receio de que quebre. Sem o ralo só sobram 85 centímetros para que passe apenas uma pessoa por vez. “Temos que fazer um abaixo-assinado para o retorno ao antigo local, próximo à passarela”, sugere o morador da Baixa do Sapateiro, Álvaro dos Santos.

O *Maré de Notícias* entrou em contato com a Assessoria de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Transportes para saber se ocorreu alguma pesquisa sobre o assunto com usuários (entre eles moradores da Vila do Pinheiro, Vila

do João, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiro e funcionários da Fiocruz); se há previsão de alguma outra passarela mais próxima; se existe algum estudo sobre o perigo de assalto; e se foi feita avaliação depois de pronto o projeto.

A assessoria não respondeu os questionamentos. Em nota, sintetizou a questão explicando que o projeto de recuo para a parada de ônibus visa o melhor ordenamento do trânsito naquele local, permitindo maior fluidez ao tráfego e mais segurança dos cidadãos para utilizarem os ônibus sem riscos. Um funcionário da Secretaria Municipal de Transporte que trabalha no local disse receber muitas reclamações sobre a mudança.

Sobre outro ponto de ônibus, este na altura da Vila do João, na pista sentido zona oeste – onde foi construída mais uma faixa paralela à Avenida Brasil –, a Prefeitura informa ter colocado três quebra-molas para diminuição de velocidade dos veículos e, com isso, ajudar na travessia de pedestres. O trecho em questão não conta com passarela. O pedestre precisa atravessar a pista, o que se torna perigoso em horários de pico.



A nova agulha, vazia: moradores denunciam que motoristas não estão parando



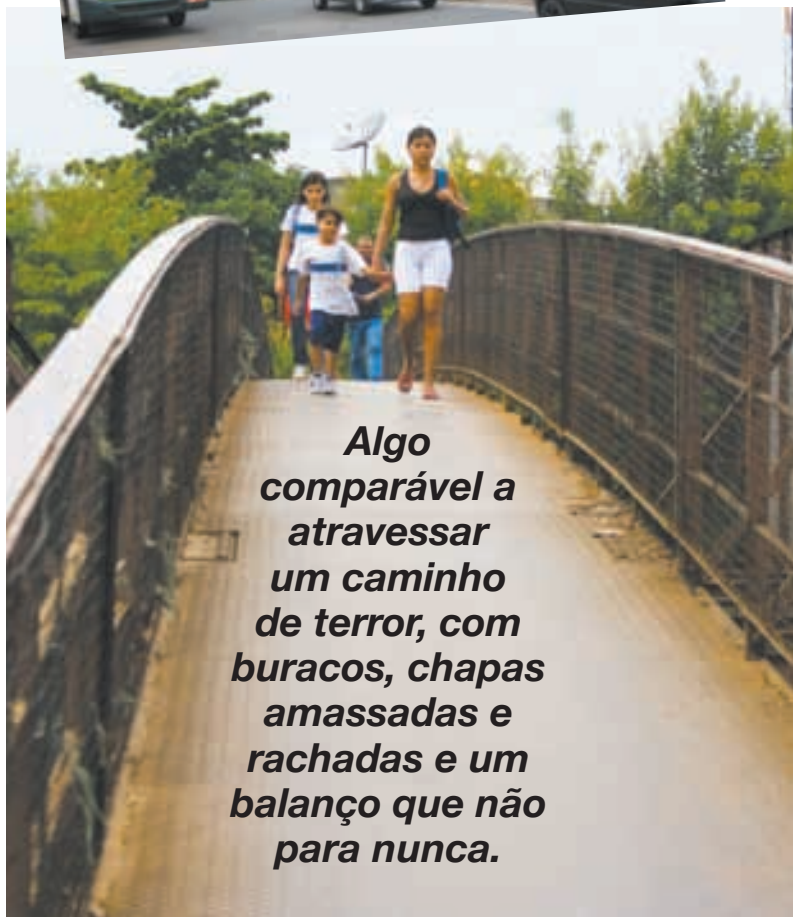
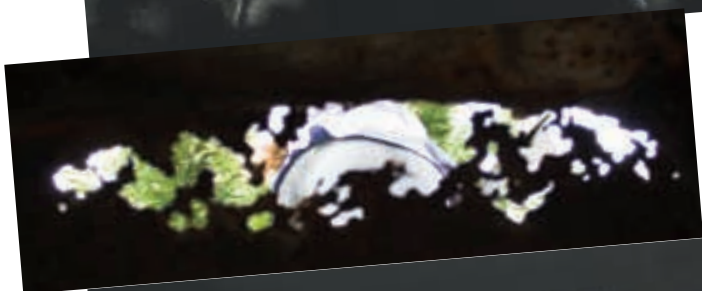
Funcionários preparam espaço para o plantio de palmeiras: uma boa notícia



Do outro lado, a visão do corredor que se inicia junto à passarela 6

...em xeque

Atravessar de um lado a outro virou aventura



Algo comparável a atravessar um caminho de terror, com buracos, chapas amassadas e rachadas e um balanço que não para nunca.

Após a condenação da passarela 7 da Avenida Brasil, que teve de ser derrubada pela Prefeitura em março, o Maré de Notícias documenta o péssimo estado da passarela 11 que, com a estrutura enferrujada, coloca em risco a vida dos pedestres que necessitam transitar por ali.

No alto o coração bate mais forte, e não é roda gigante ou montanha russa de um parque de diversão. Esse é o simples ato de atravessar a passarela 11. Algo comparável a atravessar um caminho de terror, com buracos, chapas amassadas e rachadas e um balanço que não para nunca. Muitos não têm outra opção a não ser utilizar o espaço público degradado. “Está ruim, só passo segurando no corrimão, pois tenho medo de cair na pista”, comenta Ana Maria, que mora em Ramos e trabalha no Parque União. Além disso, o acesso à passarela é por escada, e por não ter rampas, não permite que cadeirantes a utilizem.

“Está muito ruim. Quando o sol esquentava a chapa balançava, parece que vai subir”, desabafa a moradora do Roquete Pinto, Elisa da Conceição. A professora que mora no Parque União e trabalha em Ramos, Roberta Duarte, tem o pressentimento de um acidente próximo. “Péssima, ela balançava toda, até a escada. Acho que vai cair e não vai demorar muito. O pior que não tem outra perto”, relata.

A Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Obras informou que a construção de uma nova passarela 11 vai ser licitada neste mês de abril. E completou que essa travessia está inclusa na recuperação da Avenida Brasil.

Acidente apressa nova passarela 7

A estrutura da passarela 7, por sua vez, também já vinha dando sinais de degradação, tanto que, no dia 8 de fevereiro deste ano, um reboco despencou sobre a pista, atingindo um carro. A situação piorou com o acidente que envolveu um ônibus, em 13 de março, quando a demolição passou a ser necessária - algo que poderia ter sido evitado se a passarela estivesse em bom estado. A própria Secretaria Municipal de Obras previa restaurar a passarela antes do último acidente. A nova estrutura definitiva deverá ficar pronta em setembro e custará aproximadamente R\$ 3 milhões.

“É uma via de acesso condenada há anos. Os primeiros dias sem ela dificultaram a ida ao Hospital Federal de Bonsucesso, tinha que andar muito”, comenta o morador do Morro do Timbau, Antonio Rodrigues. Dez dias após a demolição, a Secretaria de Obras construiu, em caráter emergencial, uma passarela provisória de estrutura metálica tubular. A secretaria avisa que a passarela terá rampas que atendem aos padrões de acessibilidade.

LIXO

pra baixo do tapete

A coleta de lixo depende da Comlurb, órgão da Prefeitura, mas também cabe ao morador respeitar os horários e os locais de recolhimento do material.

Hélio Euclides  Elisângela Leite

Um dos problemas mais complexos da Maré é o lixo. Nesta reportagem, moradores, frequentadores do bairro e a Comlurb criticam uns aos outros, e enquanto isso, o problema persiste. Apesar de a coleta ser diária em algumas comunidades, cada vez mais se encontra pontos onde a população abandona detritos e entulhos. A Comlurb, por sua vez, nem sempre recolhe tudo o que encontra, gerando reclamações.

Para piorar, cachorros, porcos e cavalos reviram o que foi deixado, espalhando tudo pelo chão. Segundo o administrador da 30ª Região Administrativa, Hildebrando Rodrigues, o Del, só na Vila do João existem 18 pontos de entulhos que, no futuro, devem ser extintos. Espalhado pelas calçadas e ruas, esse material acumula moscas, baratas, ratos e tapurus (vermes que dão em alimentos podres), o que pode trazer várias doenças. Além disso, há acúmulo de água, que aumenta a chance da procriação do mosquito aedes aegypti, o transmissor da dengue. “É preciso acabar com isso. Além de todos esses prejuízos à saúde, quando chove o lixo ainda entope os ralos”, completa o gari comunitário e morador da Vila do João, José Carlos.

Na Maré a coleta é feita por 36 garis com o apoio de sete microtratores e cinco cami-

nhões. Existem cinco caixas estacionárias (pequeno contêiner de lixo), sendo duas pequenas. Para o gerente de divisão da Comlurb, Alcides Malvino, apenas aumentar o efetivo não solucionaria as carências. “Existem falhas nossas, mas 80% dos problemas são criados pelos moradores. Precisamos da ajuda das Associações de Moradores para que as comunidades colaborem. Muitas vezes as pessoas colocam lixo no chão, enquanto o contêiner está vazio”, reclama.

A presidente da Associação de Moradores do Conjunto Habitacional Bento Ribeiro Dantas, Clemilda Vicente de Carvalho, afirma já contribuir para isso. Ela considera a coleta de lixo boa, mas acha que falta o recolhimento de entulho. “Não permito colocação de lixo na rua depois que o carro passa. Consegui acabar com um dos locais de colocação de entulho, mais ainda restam dois que espero abolir também. Preciso da Comlurb para orientar onde colocar os restos de materiais de obra”, indaga.

Alcides garante que está corrigindo e ajustando o serviço. “A Comlurb está fazendo um trabalho de conscientização para que as pessoas guardem o lixo em casa no domingo e também depois que o caminhão passa. Às vezes, na segun-

da-feira, sobra lixo na Vila do Pinheiro, pois falta tempo de recolher tudo. Para atender este caso já estamos recebendo o reforço de mais um caminhão”, detalha. Ele acredita que, com o fim dos locais impróprios para a colocação de lixo, vai sobrar mais tempo para a limpeza urbana da Maré, como varredura das ruas, capinas e limpeza das vias pluviais.

Na comunidade de Roquete Pinto existem dois locais, um para colocar lixo e outro para depositar entulho de obra. “Jogamos material de construção, mas tem gente que joga lixo. Por isso acaba tendo ratos, moscas e água parada”, desabafa o morador Fabiano Moreira. Vinícius Lima também é morador e diz que jogou no terreno restos de piso. “Esse local não é correto, mas infelizmente é o único lugar. Deveria ter um espaço organizado ou uma coleta periódica”, sugere.

A coordenadora do Projeto Uerê Mello, Yvonne Bezerra, afirma que tem lixo em todo lugar, até no meio da rua. “Não podemos tolerar lixo na frente de escolas, como no Ciep Elis Regina, ou porcos ao lado do Ciep Operário Vicente Mariano. Quero que se resolva esse problema, que é crônico. Tem dia que se usa máscara nos alunos, pois tem lixo próximo às salas. Tem que haver um local adequado para se colocar o lixo. Não podemos viver com moscas varejeiras, aranhas, lacraias, ratos e tapurus”, revolta-se.

A Comlurb colocou oito caçambas para acabar com o depósito improvisado no Parque Maré, perto da Vila Olímpica e do Uerê, o que agradou a alguns moradores. “Antes era um mau cheiro danado, e tinha ratos. Espero que dê resultado”, comenta Eraldo de Souza, morador da Nova Maré.

Mas nem todos aprovaram a solução. “Não estou gostando das caçambas. Nos sábados e domingos elas enchem e vêm as moscas. Aqui se vende comida, e os clientes não gostam do lixo na frente ao bar. Isso influenciou contra mim, me pre-

Yvonne Bezerra tapa o nariz para o lixo perto do Ciep Elis Regina



judicou”, reclama o comerciante da Nova Maré, Adão Farias. Um morador que preferiu não se identificar disse que o erro foi ter concentrado o lixo em um só ponto, quando o ideal teria sido colocar duas caçambas nas saídas dos becos.

Próximo ao portão do Ciep Ministro Gustavo Capanema existe um local impróprio para colocação no lixo, e no mesmo muro, ao lado do posto médico com o mesmo nome, um grande lixão. “É culpa da população. Por mais que o gari passe, o cidadão tem que saber que não pode jogar o lixo em qualquer lugar. A solução é a educação da gente”, admite a moradora da Vila do Pinheiro, Natália Correia.

Posto médico em situação grave

A gerente da unidade de saúde, Vera Quintela está preocupada com a proximidade do lixão. “É um local com muitas moscas, que posam nos curativos e na boca dos pacientes. Para contornar a situação, estamos utilizando panos para cobrir as pessoas. Também não comemos aqui, e o ar condicionado e os ventiladores ficam ligados o tempo todo para afugentar as varejeiras. Além disso, existem ratas e ratas oriundas desse lixo que à noite passeiam nos consultórios deixando suas fezes. Para piorar, tocaram fogo no entulho, e isso abalou o muro, que está condenado pela Riourbe e pela Defesa Civil”, conclui.

No Salsa e Merengue, por sua vez, o lixo é jogado nas caçambas, que entornam e caem na galeria de águas pluviais. “Esse ponto de lixo é péssimo e deveria acabar, pois é um criadouro de moscas. É horrível, tem vezes que, logo depois que o lixeiro passa, a pessoa joga o lixo”, conta a moradora do Salsa e Merengue, Sônia Maria.

Yvonne garante que, entre as pessoas de seu projeto, ninguém mais joga papel no chão, e que isso poderia ser uma realidade nas demais ruas da Maré. “Para existir a mudança, precisamos de uma educação ambiental vinda do poder público. Mas também é preciso mudar a coleta, que não chega nos becos. Se

não se faz uma boa coleta normal, como vamos chegar na seletiva?”, argumenta. Com o déficit habitacional, muitas pessoas construíram suas casas nas calçadas, encostadas ao muro da sede da Comlurb, como é o caso de Daiane Cristine. “É muito ruim o cheiro e os ratos na minha casa. Apesar disso, não quero que acabe a sede da Comlurb, pois é onde coloco o lixo”, relata a moradora da Nova Holanda.

Do outro lado da rua, mas também próximo ao espaço, moradores fazem crítica à base da Comlurb. “Tinha que ter uma reforma, e retirar as pessoas que moram coladas ao muro e as encaminhar a outro local. O ruim dessa sede é o lixo no chão e as crianças que brincam na rua em meio aos veículos da empresa”, expõe Angélica Marques. A coordenadora do Uerê tem uma visão pessimista do local. “É uma vergonha o depósito de lixo na Nova Holanda, não dá para trabalhar lá. Tinha que ter uma usina de reciclagem, é só uma questão de organização”, sugere.

Com a palavra, o poder público

A Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação foi procurada para autorizar entrevistas com diretores das escolas citadas, mas a resposta foi negativa. A Coordenadoria de Comunicação Empresarial da Comlurb informou que o lixo é recolhido de segunda a sábado.

Para a Comlurb, a solução são as campanhas educativas que a empresa promove na Maré para explicar onde são os locais corretos para depositar o lixo e sobre os horários de coleta, além do esclarecimento da colocação de contêineres em várias partes para que os moradores depositem detritos.

Sobre a sede, a assessoria afirmou que essa é uma forma para que os entulheiros vazem em um só local, facilitando a retirada do material por parte da Comlurb. A empresa não descarta a possibilidade de implantar a coleta seletiva na Maré, já que o serviço está sendo expandido. A Prefeitura será obrigada a disponibilizar o serviço em todos os bairros da cidade até 2014, por força de lei federal promulgada no fim do ano passado.

A Comlurb também disse que ainda há garis comunitários fazendo a limpeza das ruas, mas garantiu que, aos poucos, todos serão substituídos por funcionários da empresa. A assessoria reforçou a recomendação aos moradores de respeitarem o horário da coleta e de não depositarem lixo depois que o caminhão passar para ajudar a manter a limpeza na comunidade.



Reciclável não é lixo!

O que separar

Papel e papelão, metal, vidros, plástico, PET, isopor. A Rio Coop também aceita óleo de cozinha usado, pilhas e baterias.

Onde deixar o material para reciclar

Rio Coop 2000 – Rua Dezesete de Fevereiro, nº 408, Parque Maré. Tel.: 2573-4412 / 3105-7703.

Cootrabom

Via Seletiva, nº 126 – Vila dos Pinheiros. Tel.:3104 7976

Leia a reportagem “Recicle essa ideia - A maior parte do que jogamos fora não é lixo”, publicada na edição nº 10, de outubro de 2010, em: www.jornalmaredenoticias.blogspot.com

Entulho debaixo da Linha Amarela



quando participar FAZ DIFERENÇA

 Luciana Bento  Elisângela Leite e Rosilene Miliotti

Mas no dia 27 de março, o programa de cerca de 200 pessoas – entre professores, educadores, diretores de escola, alunos e pais – foi participar do II Seminário de Educação da Maré, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), promovido pela Redes da Maré. O objetivo do encontro, explícito em seu subtítulo, foi discutir formas de mobilizar a comunidade em torno da valorização da escola pública – um dos eixos estruturantes do trabalho da Redes na comunidade da Maré.

Concebido como um momento de reflexão sobre o ensino público e o seu papel na formação e qualificação dos jovens, o seminário se propôs não só a debater os principais problemas encontrados por quem vive o dia a dia da escola pública, mas também compartilhar experiências e buscar soluções para superar dificuldades.

Em comum, a percepção de que a participação de todos os envolvidos – desde o governo até os servidores administrativos da escola, passando pelos pais e alunos – é fundamental para encontrar alternativas e apresentar avanços efetivos nessa tarefa.

Mas como fazer isto? Na opinião da psicóloga Paula Miranda, da equipe social da Redes, o principal obstáculo é justamente a cultura vigente na sociedade brasileira, na qual a participação não é incentivada e existe o entendimento de que a escola deve assumir sozinha a responsabilidade pela educação das crianças e jovens. “Muitas vezes os próprios pais não conseguem perceber a importância de seu papel, acham que não serão ouvidos ou que sua opinião não é relevante. E quando são chamados a participar ficam desconfiados, acham que se for à escola vão ouvir reclamações sobre o comportamento do filho”, avalia.

Esta atitude se justifica pela própria lógica da relação entre escola, pais e alunos que foi construída ao longo do tempo. É uma forma ultrapassada de enxergar o papel de cada um e que precisa ser rompida, quebrando resistências que ainda existem tanto da parte dos pais quanto da própria escola.

Parece difícil? Mas este é um dos principais objetivos do Programa Criança Petrobrás, que tem como estratégia de ação o incentivo à participação de todos os envolvidos com o objetivo de melhorar a qualidade da escola pública.

Em reuniões quinzenais, que acontecem em cada uma das nove escolas onde o projeto é desenvolvido, os pais abordam questões relativas não apenas ao cotidiano dos filhos mas também à realidade da Maré. Sendo assim, temas como violência, emprego, saúde e preconceito são tratados nos encontros, trazendo um olhar diferenciado para os problemas enfrentados na escola e, conseqüentemente, na busca de soluções para esses desafios.

Valesca de Paula é uma das mães presentes no seminário que acreditam que sua voz faz a diferença. Mãe de três alunos do Ciep Leonel Brizola, ela se orgulha de sua atuação na escola dos filhos e vai além da participação nas reuniões de pais. Há dois anos ela oferece, gratuitamente, oficinas de bordado, crochê e pintura para outras mães e tem planos de voltar a estudar.

“Eu doo o meu tempo porque acredito que essa atuação ajuda a transformar a realidade da escola”, explica. “Sempre que posso, ajudo a trazer outros pais para participar das reuniões. Uma boa educação é o que eu posso

deixar para os meus filhos e vou fazer o que estiver ao meu alcance para oferecer um ensino de qualidade para eles”, avisa Valesca, cujo objetivo este ano é conseguir com que a escola ofereça o ensino médio completo.

Papel do professor

Mas não bastam pais atuantes se um dos principais atores dessa engrenagem não estiver estimulado: o professor. Por isso, um dos temas predominantes no seminário foi a valorização do papel do educador para o resgate da qualidade da escola pública – não só na Maré mas em todo o Brasil.

Malvina Tuttman, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), órgão ligado ao Ministério da Educação, foi uma das palestrantes do seminário e fez um emocionado depoimento sobre o ofício, do alto de seus 42 anos de carreira como educadora no ensino público.

Superlotação das salas de aula foi um dos problemas apresentados à subsecretária de Educação, Helena Bomeny

“Assumir a presidência do Inep não foi o maior desafio da minha carreira, como muita gente imagina. O meu maior desafio foi me apresentar, aos 18 anos, como professora em Padre Miguel e encarar uma sala de aula cheia. Eu pensava: ‘E agora, o que vou fazer?’”, disse Malvina diante da plateia do seminário. “Sem dúvida foram os meus alunos, nestes anos



FOTO: Rosilene Miliotti



FOTO: Elisângela Leite



O que você faria em um sábado de sol, no Rio de Janeiro? Provavelmente iria à praia ou aproveitaria para colocar a casa em ordem e fazer as compras da semana. Ou quem sabe comeria uma feijoada e tomaria uma cervejinha com os amigos? Há ainda os que preferem ir à igreja, passear com as crianças ou simplesmente aproveitar para dormir até mais tarde.

todos, que me ensinaram a valorizar ainda mais a minha escolha e me orgulhar de ter seguido a carreira de professora”, completou.

Como a grande maioria dos professores de escolas públicas sabe, nem tudo são flores neste caminho. Malvina declarou que, depois de mais de quatro décadas de magistério, aposentada pela rede de ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro, recebe cerca de R\$ 1.300 líquidos por mês. “Professor precisa ser bem pago e ponto”, finalizou. A implantação de um plano de formação e qualificação profissional também foi apontada como um dos pontos fundamentais para a valorização da carreira.

É esta paixão pelo seu trabalho que motiva o professor do ensino fundamental Ernani Alcides da Conceição a enfrentar os obstáculos presente no cotidiano da escola pública. Um deles é a superlotação das salas de aula, tema apresentado para a subsecretária de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, Helena Bomeny, durante o seminário.

“Eu encaro o meu ofício como um desafio político, uma oportunidade de colaborar para a transformação da escola pública aqui na comunidade.”

Morador de Nova Holanda, Ernani conta que fez questão de optar por uma escola da Maré, apesar de poder lecionar em outro bairro. “Eu encaro o meu ofício como um desafio político, uma oportunidade de colaborar para a transformação da escola pública aqui na comunidade”, explica o professor, que também dá aulas de História Geral no Curso Pré-Vestibular da Redes da Maré (CPV).

A consciência de que o incentivo que dá aos seus alunos é crucial para a transformação da vida de cada um faz com que a professora do Ciep Elis Regina, Renata Patrício, enfrente o dia a dia da sala de aula com motivação. “Pouca gente sabe mas apenas parte de nosso trabalho é em sala de aula. Antes de passarmos o conteúdo para o aluno, temos que fazer o planejamento das aulas, nos informar sobre os temas da atualidade, refletir sobre o nosso papel, participar de reuniões pedagógicas e ter disponibilidade para ouvir pais e alunos”, afirma.

Ela conta que sai de casa todos os dias às 6 horas da manhã com o objetivo de dar o melhor de si em sala de aula. “Sei que muitos alunos têm dificuldade de aprendizagem não por falta de capacidade pessoal, mas por problemas muito mais profundos, de desestruturação familiar e problemas sociais. Eu acredito muito no potencial dos meus alunos”, desabafa. Ela ressalta, porém, que salas muito cheias tornam impossível para os professores dar uma atenção mais individualizada aos estudantes. “Não dá tempo”, resume.

Comemorando avanços

Muitos temas, desafios e conquistas foram abordados durante o seminário. Um ponto, porém, é comum aos participantes: o evento já se firmou como espaço de reivindicação, encontro, troca de ideias e demonstração de organização dos professores e organizações envolvidas.

“Fiquei satisfeita com o nível de participação dos professores no seminário. Acho importante reunir um número relevante de pessoas para discutir, de forma comprometida, a melhoria da qualidade da educação pública na Maré”, avalia Eblin Farage, diretora da Redes e uma das organizadoras do seminário. “Agora temos um trabalho importante a fazer, como avançar na construção do Fórum de Educação da Maré”, arremata.

O lançamento do livro com artigos e resoluções do I Seminário de Educação coroou esse processo, registrando as considerações do evento realizado em novembro de 2009, e fortalecendo a reflexão acerca dos temas em discussão. “Acredito que é possível fazer alguns professores repensarem suas práticas e se reconciliarem com seu ofício e seu fazer pedagógico”, opina Valéria Oliveira, professora da Escola Vicente Mariano, e autora de um dos artigos publicados no livro do I Seminário.

Mesmo com todas as dificuldades, o brilho nos olhos de vários dos presentes ao seminário mostrou o comprometimento de cada um na construção de alternativas para a melhoria da escola pública na Maré. Comprometimento que pode ser resumido nas palavras do professor Ernani em seu depoimento ao Maré de Notícias: “Eu acredito totalmente na capacidade das crianças da Maré. Elas podem ser o que quiserem: cientistas, médicos, artistas, advogados, engenheiros, astronautas. E tudo o que quero é ajudá-las a perseguir os seus sonhos”.



FOTO: Elisângela Leite



FOTO: Elisângela Leite



FOTO: Elisângela Leite

Eliana Sousa Silva*

Tema em questão

Educação

“Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.”

Paulo Freire

Malvina Tuttman*

A busca por uma Educação Pública de qualidade no bairro Maré

A Maré reúne 16 escolas de ensino fundamental, sendo 13 voltadas para o atendimento do primeiro ao quinto ano e somente três recebem alunos até o nono ano. A região possuía no início da década de 1980 apenas cinco escolas de ensino fundamental distribuídas entre as seis favelas então reconhecidas como Maré.

Com o passar dos anos foram agregadas ao “bairro” favelas que já existiam, como a Praia de Ramos, bem como novos conjuntos habitacionais. A ampliação das localidades e o crescimento populacional aumentaram a demanda por mais equipamentos e serviços públicos, em especial as escolas.

Nesse percurso, os movimentos sociais locais, em particular as Associações de Moradores, tiveram papel fundamental na luta por garantir a construção das novas instituições de ensino. Os moradores mais antigos da Maré viveram um período de muita mobilização para garantir a ampliação da rede de educação local e a participação comunitária. A luta de então era fruto da consciência de que apenas organizados os moradores poderiam exigir dos governantes os direitos fundamentais de todos os cidadãos.

A realidade atual nos coloca novos desafios para garantirmos uma educação integral às nossas crianças e jovens. Acima de tudo, temos a necessidade de construir uma ampla mobilização na Maré, assim como uma profunda parceria com os profissionais da educação, para que se melhore a qualidade do trabalho que é feito no cotidiano das escolas.

Os nossos estudantes devem desenvolver sua capacidade de pensar de forma autônoma; dominar a escrita e a leitura de forma ampla; desenvolver a racionalidade científica e o seu corpo; aprender e exercitar valores humanos e democráticos, além de ter acesso às diversas linguagens artísticas.

Desse modo, ele poderá ampliar as possibilidades de construir sua própria vida, e ajudar a tornar a cidade mais fraterna e justa. Esse é um desafio que está colocado para todos nós, e será superado, desde que cada um faça sua parte. Todos temos um papel nesse processo e, sem dúvida, devemos ser parte de alguma forma.

Compromisso de todos por uma educação libertadora

Ainda hoje persistem posicionamentos de que o nosso país deve investir, em primeiro lugar, na Educação Básica. Não concordo com tal afirmação. Acredito que o país deve investir em todo o seu sistema educacional.

Quero destacar essa real vinculação entre os níveis de ensino. Por exemplo: quem forma professores com capacidade de dar às escolas brasileiras ensino de qualidade? É a universidade. E como realizar tal tarefa primordial sem aumentar a capacidade da universidade de incluir grande número de jovens? Precisamos incluir, não só, mas prioritariamente, para formar professores com qualidade.

Paulo Freire nos ensina que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”. É, portanto, a educação como prática libertadora que é capaz de levar o indivíduo a essa capacidade de pronunciar o mundo.

Só assim poderemos diminuir a distância que separa esses dois “Brasis” que convivem de modo conflituoso: o Brasil da fome e o que exporta alimentos; o Brasil descalço e que exporta calçados; o Brasil das favelas, periferias e acampamentos e o Brasil dos condomínios e das catedrais do consumo.

É necessário reforçar políticas de inclusão em todos os níveis de ensino, principalmente nas universidades, de grupos ainda excluídos, como os filhos e as filhas da classe operária, dos agricultores sem terra, da pequena burguesia, dos imigrantes e das minorias étnicas.

É o momento de reinventar, de criar mecanismos de acesso para camadas excluídas da população, de proporcionar um ambiente pedagógico acolhedor para a permanência dos alunos, para formar cidadãos, muito mais do que meramente portadores de diplomas.

Isso não é tarefa fácil. Exige seriedade e comprometimento. Tenho, porém, a certeza de que somos privilegiados por estarmos vivendo esse momento de mudanças. A força de ações coletivas – governo e organizações sociais – nunca foi tão importante!

Malvina Tuttman é presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep).

Eliana Souza Silva é diretora da Redes da Maré.

“Temos a necessidade de construir uma ampla mobilização na Maré, assim como uma profunda parceria com os profissionais da educação, para que se melhore a qualidade do trabalho que é feito no cotidiano das escolas.”

imPACTos no Alemão

Grupo de fotógrafos faz novo ensaio nas favelas do Alemão

Texto e fotos: *Favela em Foco*

Além de fotografar, fomos, como sempre, trocar idéias com os moradores, para darmos continuidade à documentação fotográfica intitulada “imPACTos”, cuja realização se dá desde 2009. A documentação retrata o andamento das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e os impactos causados nas famílias beneficiadas e afetadas.

Em março deste ano, sentimos um ambiente muito tranquilo que, diga-se de passagem, sempre é inerente àquele espaço em todas as ocasiões que vamos fotografar no conjunto de favelas do Alemão. Crianças brincando, comércio funcionando, trabalhadores e trabalhadoras saindo bem cedinho, som, sol, cervejinha no bar, funk, muita conversa de esquina, muita alegria e agora, também, muita poeira!

As obras do PAC continuam acontecendo a todo vapor, alguns moradores gostam, outros não... Reclamam do descaso, da poeirada, do lixo e do transtorno. E celebram algumas melhorias, como a abertura de ruas e as obras realizadas com o intuito turístico.

Por outro lado, fica a saudade das pessoas queridas que se mudaram por causa do reassentamento necessário para a realização do PAC e a sensação de descaso do governo para com algumas famílias que têm suas casas cheias de infiltrações devido às obras. Tais pontos não mudaram desde o início de nossa documentação em 2009. O que para muitos cai no esquecimento, devido aos últimos eventos no Alemão ocorridos depois da ocupação, os moradores de lá não esquecem.

A rotina do Morro do Alemão, como a maioria das favelas do Rio de Janeiro, desde que nos propusemos a fotografar sempre foi desse jeito, com muita alegria, tristeza, sorrisos, lágrimas, felicidades... O Morro do Alemão também continua sendo... Um local de trabalhadores e trabalhadoras que se divertem, crianças que brincam, jovens que estudam e labutam. Todos lutando dia após dia por uma vida melhor. Assim é uma favela... Resistindo às dificuldades. Assim também é o conjunto de favelas do Alemão.



Leo Lima / *Favela em Foco*



Paulo Barros / *Favela em Foco*



Edmilson de Lima / *Favela em Foco*



Monara Barreto / *Favela em Foco*



Leo Lima / *Favela em Foco*



Monara Barreto / *Favela em Foco*

Por dentro da Maré



Inscrições para oficina de teatro

Estão abertas as inscrições para a Oficina de Teatro na Redes da Maré para jovens de 13 a 17 anos. O projeto é fruto de uma parceria entre a Redes e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). As aulas serão ministradas por alunos licenciandos em teatro da UniRio, sob a coordenação da professora Marina Henriques Coutinho, do Departamento de Ensino do Teatro. Em abril, as atividades serão de "portas abertas", ou seja, os interessados poderão experimentar e decidir pela permanência na oficina. As aulas acontecerão às quintas, de 9h às 11h, na sede da Redes.

R. Sargento Silva Nunes, 1.012, Nova Holanda Tel. 3105-5531.

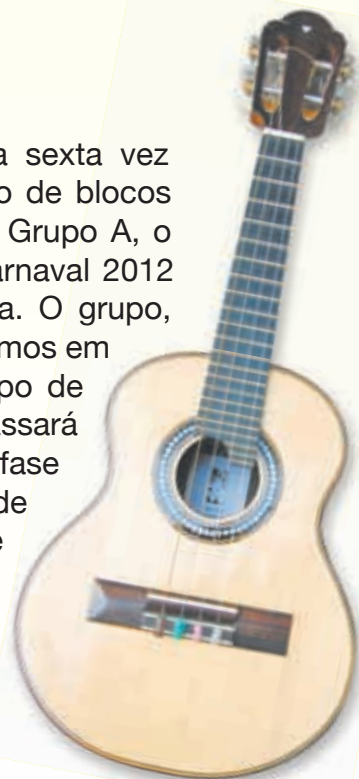


Parabéns aos pugilistas !

Os alunos da Academia de Boxe Luta Paz Luiz Henrique, categoria 52k e Taison de Souza, categoria 48 kg, ambos de 15 anos. Foram classificados para competirem o Pré-Pan na Venezuela ou em Cuba. Boa sorte meninos! Até o fim desta edição, não estava definido em qual lugar seria a competição.

Escola de Samba Boca de Siri

Depois de vencer pela sexta vez consecutiva o concurso de blocos de enredo do Rio pelo Grupo A, o Boca de Siri virá no carnaval 2012 como escola de samba. O grupo, fundado na praia de Ramos em 1979, desfilará no Grupo de Acesso E. Se ganhar, passará para o grupo D. Nesta fase de transição, o Boca de Siri cogitou passar a se chamar GRES Acadêmico de Ramos, mas a ideia foi tão criticada que a diretoria do bloco decidiu manter o nome tradicional.



Internet também tem vagas...

Quem está procurando emprego pode encontrar oportunidades também pela internet. Existem vários sites especializados em oferta e procura de vagas, muitos deles gratuitos. Veja abaixo a relação que selecionamos, só de sites gratuitos:

www.vagas.com.br

É possível cadastrar o seu currículo e passar a receber por e-mail as ofertas apropriadas ao seu perfil. As vagas abertas também podem ser acompanhadas pelo twitter: www.twitter.com/vagas

www.bne.com.br

Site do Banco Nacional de Empregos (BNE). Apresenta um sistema simples e rápido de busca; e ainda uma relação de vagas urgentes. O interessado tem a opção de cadastrar seu currículo e as ofertas de vagas serão enviadas via torpedo para o celular.

www.curriculum.com.br

Permite busca por área e por localidade e também pode ser acompanhado pelas redes sociais.

www.riovagas.com.br

Traz também oportunidades para quem está procurando o primeiro emprego.

www.sindrio.com.br

Vagas em hotéis, bares e restaurantes.





Artistas da Maré fazem exposição no centro do Rio

O projeto Mulheres Ceramistas da Maré, da ONG Ação Comunitária do Brasil (ACB/RJ), promove uma exposição no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, no centro do Rio. O público vai poder ver mais de 100 esculturas produzidas por alunas e educadores da oficina gratuita de cerâmica realizada no Núcleo Vila do João. O projeto é financiado pelo Instituto Lojas Renner e tem como parceira a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do governo federal, e a Prefeitura do Rio de Janeiro. A exposição fica aberta das 11h às 19h, até o dia 29 de abril. O endereço do Centro de Artes Calouste Gulbenkian é Rua Benedito Hipólito nº 125, Praça Onze. Entrada gratuita.

Foto de Ronaldo Breve / Divulgação



Exposição de fotos "Em Nossas Mãos"

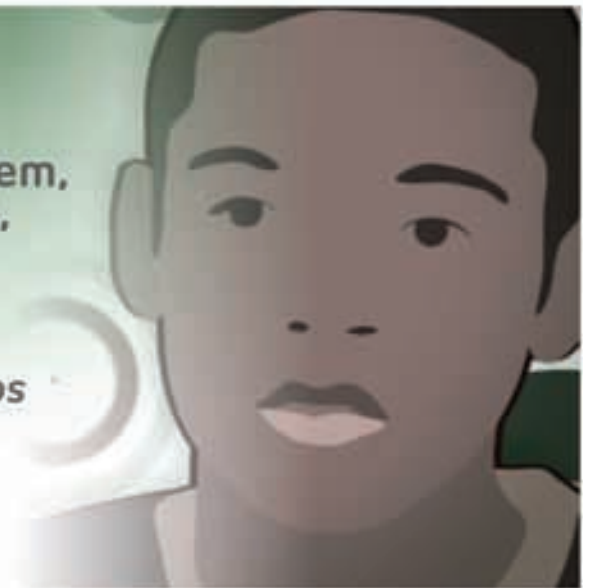
Fábio Caffé, formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2006, reuniu 18 imagens representativas de sua obra na exposição "Em Nossas Mãos", que pode ser vista na Galeria 535, no Observatório de Favelas. Caffé é fotógrafo do Imagens do Povo e do Coletivo Favela em Foco e é formado em Cinema pela UFF. Seu trabalho registra a diversidade cultural das favelas, as lutas sociais no Rio de Janeiro e as manifestações de fé na cidade. A exposição fica aberta ao público de 2ª a 6ª, das 9h às 18h, até dia 20 de maio. A Galeria 535 fica na Rua Teixeira Ribeiro 535, Parque Maré (altura da passarela 9). Tel: 3105-4599

Foto: Fábio Caffé



Reconhecer o adolescente e o jovem, não como problema, mas como parte da solução é meio caminho andado.

Professor Antonio Carlos Gomes da Costa



Hoje em dia, muito se fala em protagonismo juvenil. E o termo não se refere a um famoso ator ou atriz de pouca idade que tem o papel principal em uma novela ou filme. O protagonista aqui é o jovem que pensa a sua realidade e atua para modificá-la.

Protagonizar é trocar aprendizados, construir novos saberes, democratizar informações, construir estratégias e desenvolver ações em parceria com a escola e em grupos organizados para melhorar a vida para si mesmo, para seus semelhantes ou para a comunidade como um todo. No dicionário, a definição de protagonista é "o principal, o mais importante", mas é relevante notar

que, em se tratando de transformação social, ninguém é bem-sucedido atuando sozinho.

Por isso, se você é ou quer ser um protagonista, procure pessoas e grupos que tenham as mesmas preocupações que você. Converse com seus amigos e amigas sobre as coisas que você acha que não vão bem e que podem ser transformadas, e pensem, juntos, o que podem fazer.

Existem muitos espaços que permitem a participação efetiva dos jovens na construção social do país. Veja por onde começar.

Fórum de juventudes RJ

Espaço público permanente de reflexão juvenil, de articulação, de encontros e debates sobre Juventudes e Políticas Públicas.
forumdajuventude.blogspot.com

Luta Pela Paz

Atua com projetos voltados para educação e esporte, tendo o protagonismo juvenil como um dos seus pilares.
www.fightforpeace.net - Tel: 3105-5341

Conexão G

Formado por jovens moradores do Complexo da Maré o grupo Conexão G busca mobilizar a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transexuais) para a construção de um quadro político favorável.
conexaogdamare.blogspot.com
grupoconexaog@gmail.com

Se Benze que Dá

Além de ser um bloco carnavalesco de embaio, é um instrumento de luta política,

cultural e educacional, constituído por moradores e amigos da Maré.
www.blocosebenzequeda.com
sebenzequeda@gmail.com

Escola Popular de Comunicação Crítica

Projeto desenvolvido pelo Observatório de Favelas, oferece a jovens e adultos acesso a diferentes linguagens, conceitos e técnicas na área da comunicação.
contato@observatoriodofavelas.org.br
Telefones: 3105-4599 / 3105-0204



Programe-se!

Veja o que rola na programação da Lona da Maré



Roda de samba

Aos domingos, às 18h
Grupo Nova Raiz e convidados

Abril: : 03, 10, 17, 24

Maior: 01, 08 (Especial dia das mães), 15, 22, 29



Forró na Lona

O melhor do forró pé de serra!
08 de abril, sexta-feira, às 21h

Grupo Os Três Forrozeiros

Favela Rock Show

15 de abril, às 20h
Bandas In Caos,
Trust Worth
e Pela Fé

Informações

lonadamare@gmail.com
3105-6815 / 7871-7692

Facebook: Lona da Maré

Orkut: Lona Cultural da Maré

Twitter: @lonadamare

Todas as oficinas, eventos e shows da Lona da Maré são gratuitos!



Lona Herbert Vianna:

Rua Ivanildo Alves, s/n Nova Maré

Redes da Maré:

Rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda



Cineclube Rabiola

Quartas-feiras, às 17h30

O melhor da produção audiovisual brasileira

6 de abril:

Historietas mal assombradas (para crianças malcriadas).

Animação, Victor-Hugo Borges. 15 min.

O Jumento Santo e a cidade.

Animação, Leo D., William Paiva. 11 min.

13 de abril:

As coisas que moram nas coisas.

Ficção, Bel Bechara e Sandro Serpa, 14 min.

Crisálidas. Animação, Fernando Mendes. 7 min.

20 de abril:
Tainá, uma aventura na Amazônia. Ficção de Tânia Lamarca e Sérgio Bloch. 90 min.

27 de abril:

Minhocas. Animação de Paolo Conti. 15 min.

Minha Rainha. Ficção de Cecília Amado. 11 min.

Santa de Casa, Animação de Allan Sieber. 18 min

Maior: toda quarta, 17h

4 de maio:

O Grilo feliz. Waldercy Ribas

11 de maio:

Meliès: Escola de Animação

Curtas (30 min. total):

Mundo real, de Estevão Teuber

Pronto para assar, Gustavo E. Boehs

Abracadabra, Fernando Braga

Bob Mosca, Davi Carbalan

Epílogo, Edgar Vagui

O aprendiz, Marcio Kakuno

Pum, Thiago Souto e Priscila Kinoshita.

18 de maio:

Garoto Cósmico, Ale Abreu.

25 de maio:

Leonel Pé-de-vento, Jair Giacomini.

A Noite do Vampiro, Ale Camargo. Devoção,

Rafael Ferreira

Oficinas

Regulares e gratuitas

Abril

Construção de

Instrumentos Musicais

Segundas e quartas, 9 às 11h (10 anos)

Teatro

Terças e quintas, 14 às 16h (12 anos)

Artes Circenses

Segundas e quartas das 14 às 16h

Capoeira

Quartas e sextas à partir das 17h;

Maracatu

Quartas e sextas das 10 às 11h30

e de 11h30 às 13h;

Percussão

aos Sábados à partir das 10h;

Cavaco

aos Sábados à partir das 11h;

Violão

aos Sábados à partir das 12h;

Canto

aos Sábados à partir das 13h;

Gastronomia

Terça de 8h30 às 11h30 ou 13h às 16h

Quinta de 8h30 às 10h30 ou 13h30 às 15h30

Emais!

Outras atividades

07 de maio:

17h – Lançamento dos livros

“Poesia Suburbana” e “Marginal”

O evento conta com sarau de poesias e presença da organizadora Adriana Kairos e os autores dos livros, entre outras intervenções poéticas. No espaço da Biblioteca Jorge Amado.

18h30 – Cia Marginal Ensaio

aberto do espetáculo “Ô, LILI” (leia

reportagem sobre este espetáculo

na página ao lado)



O programa abre espaço para mostrar o que os jovens pensam sobre as grandes questões sociais brasileiras. Na nova temporada quem “Diz Ai” são os jovens que vivem em áreas rurais do Brasil. Quais são as aspirações e atividades dos que

lutam por melhor qualidade de vida no campo? Como vivem, estudam, se divertem e que experiências de valorização das suas comunidades lideram ou desejam? A série terá cinco programas temáticos sobre educação, cultura, identidade,

organização e sustentabilidade. Com formato documental e episódios de curta duração – sete minutos em média – vai ao ar na faixa do Conexão Futura, toda quinta-feira, às 15h40.



Diz Ai – Juventude Rural
Estreia 07 de Abril
Todas as quin, às 15h40,
faixa Conexão Futura
Horário Alternativo:
sáb 15h50
dom 8h20

<http://www.dizaijuventude.blogspot.com/>

www.futura.org.br

Canal 18 UHF • NET canal 32

SKY canal 8 • Parabólica polarização vertical 20

PRISÃO E LIBERDADE

Tatiana Galvão  Elisângela Leite

A Cia Marginal está com estreia marcada para seu mais novo espetáculo “Ô Lili”. A temporada começa no dia 10 de maio e vai até 11 de junho no teatro do Planetário da Gávea, na zona sul.

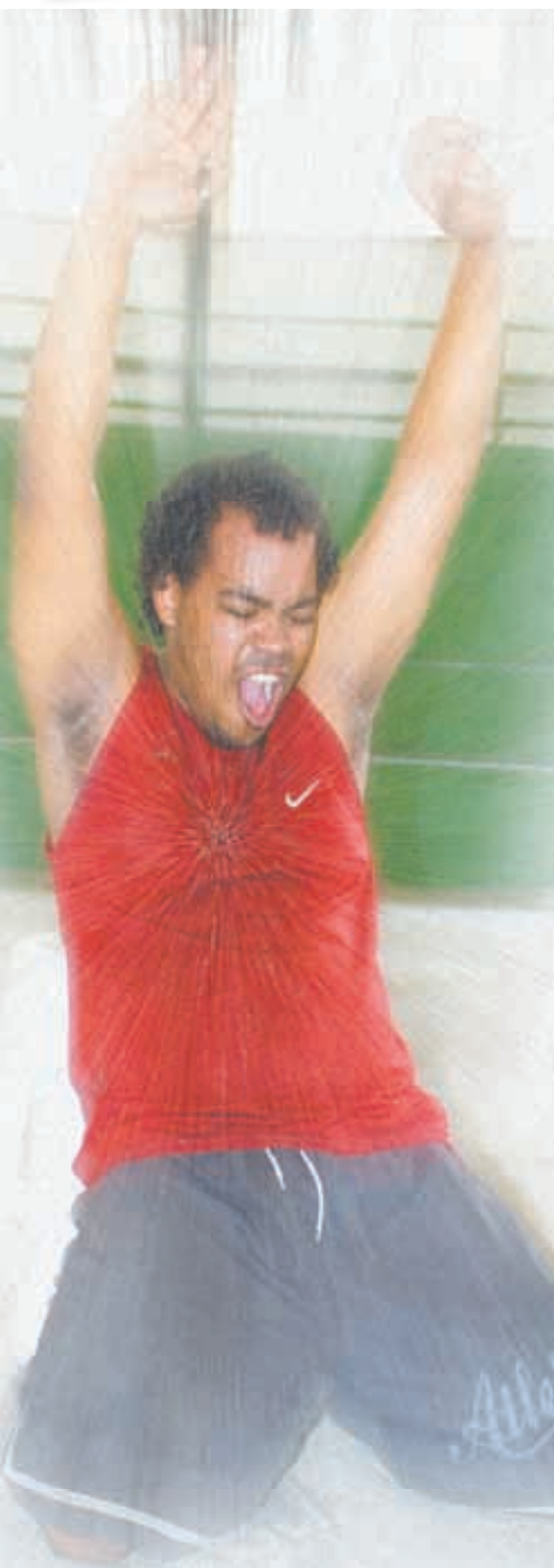
O elenco é formado por Rodrigo Souza, Jaqueline Andrade, Diogo Vitor, Wallace Lino e Priscilla Andrade, todos moradores da Maré. O espetáculo tem direção de Isabel Penoni e terá como ponto de partida a realidade daqueles que vivem nos regimes fechados dos presídios. Entretanto, a proposta não é discutir o sistema prisional, mas levar o espectador a refletir sobre outras formas de prisões e grades invisíveis que perpassam o nosso dia a dia, como as leis e normas impostas pela sociedade.

A diretora ressalta que a peça faz uma “evocação da liberdade, uma reflexão de como as pessoas, inclusive aquelas que vivem em espaços populares, estão construindo sua liberdade, seus caminhos, construindo subjetividade em um ambiente de privação de liberdade”. “Ô, Lili” se refere exatamente à expressão usada pelos detentos que estão saindo dos presídios e ganhando a tão sonhada liberdade.

A vontade de trabalhar com o tema surgiu no fim da temporada de 2007 da peça “Qual é a nossa cara”, quando o grupo já pensava em estender suas atividades, realizando oficinas em presídios. Além de servir como laboratório, o trabalho poderia ser conjugado com a proposta de um novo projeto. A ideia começou a se concretizar quando a Cia Marginal, em parceria com a Redes da Maré, ganhou o edital de 2010 da Secretaria de Cultura do Estado com um projeto de montagem do espetáculo.

Os trabalhos começaram logo em seguida com um período de pesquisa e criação. Nessa fase, a equipe se dedicou à leitura de obras como O Estrangeiro, de Albert Camus, e Colônia Penal, de Franz Kafka, além de ter como referência as obras de Luiz Alberto Mendes, ex-presidiário que viveu décadas na cadeia e alcançou sucesso de público e crítica com os livros que escreveu.

Finalizada essa etapa, a Cia Marginal foi a campo, apresentando partes do trabalho “Qual é a nossa cara” em unidades prisionais como Lemos Brito, em Bangu, e Oscar Stevenson, em Benfica.



A entrada nesses locais foi mediada pela professora da UniRio, Natasha Fish, que desenvolve há anos trabalhos e oficinas de teatro em presídios. Dessa maneira, o grupo conseguiu mostrar seu trabalho e entrevistar os detentos que quiseram contribuir com o novo projeto.

Rodrigo Souza, um dos atores do grupo, destaca que “o propósito era não de entrevistar, mas de trocar. Por isso, as entrevistas não focavam o porquê de eles estarem ali, mas suas memórias pessoais, a visão deles sobre o tempo e o sentido que dão a ele, e como se relacionavam com aquele espaço”. Dessas entrevistas surgiram histórias que se tornaram contribuições significativas e lançaram novos olhares e direções sobre o tema.

Novos Horizontes

Essa será a primeira vez que o grupo sairá da Maré para fazer temporada em um espaço da zona sul carioca dentro de um aparelho oficial de cultura, proposta aprovada no projeto da Secretaria Estadual de Cultura. Depois de meses procurando um espaço, finalmente veio o tão esperado “sim” do Planetário da Gávea.

Para Isabel Penoni, diretora do espetáculo, “chegou o momento de dar esse passo e passar a ser reconhecido dentro da esfera carioca de teatro. Isso pode mudar o rumo das coisas”. Principalmente se levarmos em conta a contribuição significativa para a descentralização da difusão artística na cidade e a democratização do acesso à cultura.

A temporada terá 16 apresentações, e pelo menos um debate por semana. É importante destacar que 25% da capacidade do teatro serão destinados a um público de comunidade, com entrada gratuita.

A Cia Marginal nasceu nas oficinas de teatro do Projeto Viver com Arte, realizado pela Redes da Maré. Desde a sua fundação, o grupo realiza suas atividades na sede da Redes, e através de outros projetos em parceria com a instituição, recebe apoio para suas atividades de formação.

Atualmente, o grupo está se dedicando aos ensaios, realizados na Lona Cultural Herbert Vianna, um espaço importante e adequado às necessidades do grupo. Haverá um ensaio aberto no dia 7 de maio, às 18h30, na Lona. Vale a pena conferir.



Uma entre tantas

Irene da Cruz Gomes, de 63 anos, moradora da Vila do João, no dia 7 de março de 2004 recebeu o prêmio Vovó Maravilha, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Na época, ela participava do projeto Vovós Extraordinárias, da Ação Comunitária do Brasil (ACB), e conquistou o prêmio com a história da própria vida.

Segundo conta, o principal problema era arrumar dinheiro para sustentar os 10 filhos. Com sua garra, a família cresceu bem e aumentou com a chegada dos 18 netos e quatro bisnetos. “A primeira vez que trabalhei fora foi aos 42 anos, de auxiliar de serviços gerais, capinava a ACB na Vila do João. Fiz lá muitos cursos, trabalhei 21 anos e me aposentei no mesmo lugar. Tive pressão alta, o que não me abateu, continuei lutando”, relata Irene.

Antes do trabalho na ACB, ela areava (deixava brilhando) as panelas das vizinhas na Baixa do Sapateiro, assim ganhava uns trocados. Outra forma era encher e carregar latão de água. “Superei muitos obstáculos, teve uma época que vivia pedindo, depois que comecei a trabalhar tive o básico. Nunca andei de roupa nova, mas ajudei a sustentar os meus filhos. Já comemos o pão que ia para os porcos. Hoje somos rainhas, comemos o que temos vontade: carne, peixe... antes só tinha ovo

e chá mate, que era mais barato que café”, revela. Irene tem muita história para contar aos netos e bisnetos. “Olho para trás e vejo o passado de uma mulher que resistiu aos sofrimentos. Cheguei a essa idade com dignidade, sem passar a perna em ninguém”, finaliza. (Texto: Hélio Euclides)



Foto: Elisângela Leite

Poesia

Maré de esperança

Aline Melo

Alfabetizadora da UFRJ na Maré

Maré de esperança,
Esta que eu quero encontrar.

Maré de desespero,
Esta que eu quero esquecer.
Sobre o barulho de balas
E o choro das crianças.

A luta continua
A cada amanhecer.
Sobre a lua
Não sei o que vai acontecer.

Não me desespero,
Apenas espero,
Que toda violência suma,
E surja uma maré de esperança.

Eu só quero que lembre quem sou

Flavio da Silva Moura

Você é o mais perto que eu estou das estrelas.
E eu não possuo qualquer tipo de defesa contra isso que sinto.
E quer saber a verdade é que estou fraco e cansado.
Talvez apenas esteja sentindo medo.
Por fora sou isso que todos vocês veem, e como me sinto o que me tornei.
E nada agora não me é mais tão fácil ou simples.
Admito que dei muitas facadas e levei muitas pancadas.
Com cicatrizes profundas.
Sem respeito próprio, sem amor sem fé sem limites.
Sem chão sinto que estou caindo em um abismo sem fim.
Não consigo me agarrar a nada ou alguém.
Elos que quebrei, indiferença que criei para onde me volto ou olho.
Tudo sempre está escuro e fechado, sempre estou sozinho mesmo no meio de todos vocês.
Queria encontrar tua mão.
Loucura tristeza e solidão tornaram-se minha companhia.
Perambulo dentro de mim mesmo, meus cantos são mórbidos, onde me escondo como um animal.
Vejo que nada sei que não aprendi nada nesse vasto oceano, longe de qualquer sensação ou emoção, incrédulo.
Ninguém se aproxima, queria você perto de mim estou tão dividido, caindo intensamente.
Pessoas e seus olhares malvados, estou tão perto e vivo tão distante de todos.
Não domino quem eu sou, procuro por respostas na face das estrelas que vejo no brilho do teu olhar.
Lembranças são como fotos antigas que se apagam com o tempo, são elas que não me deixam fechar os olhos.